

ANTROPOLOGIA E O CONCEITO DE CULTURA

META

Apresentar a importância do conceito de cultura no âmbito da construção da Antropologia.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar os diversos conceitos de cultura relacionar os conceitos de cultura com a caminhada epistemológica da Antropologia.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno precisa estar familiarizado com a disciplina antropologia, a sua definição, o seu objeto de estudo e os seus objetivos.



(Fonte: <http://www.monitoresantropologia.blogspot.com>).

INTRODUÇÃO

A construção da antropologia enquanto ciência se confunde com o processo de construção do conceito de cultura. Antropologia e cultura, portanto, fazem parte de uma mesma caminhada. Nesta aula apresentarei a genealogia do conceito de cultura relacionando-a com o processo de construção da ciência antropológica e evidenciando a importância do conceito no âmbito da antropologia.



<http://www.revistaportal.com.br>

CULTURA

Meu caro aluno, a aula de hoje marca o início de uma nova etapa na caminhada sobre o universo do conhecimento antropológico. Nas aulas anteriores, tenho certeza de que você apreendeu que a antropologia é a ciência que estuda o homem. Mas não é o homem dessa ou daquela região ou dessa ou daquela época, é o homem total, ou seja, a antropologia está preocupada em compreendê-lo como parte efetiva de todo o processo de construção da cultura. Esta e as aulas seguintes destacarão a importância da cultura, como também a importância da definição do conceito ao longo da história da ciência antropológica.

Vivian Schelling, em seu livro *A presença do povo na cultura brasileira*, afirma que “(...) ao discutir a natureza da cultura, é necessário começar pela gênese do termo cultura, pela qual ela se constitui como um tipo de fato específico.” (SCHELLING, 1990, p.21). Segundo a autora a **elucidação** do conceito de cultura é de alta complexidade, em virtude da própria complexidade da construção do conceito. Schelling diz ainda que o processo de construção do conceito se configura como um fato cultural, na medida em que envolveu, em locais e épocas distintas, personagens – estudiosos de uma maneira geral – preocupados com melhores esclarecimentos a respeito do tema.

A origem do processo remonta ao século XVII e XVIII e tem a ver com o conceito de civilização, com o Iluminismo e com as idéias de progresso que ali predominaram. Pensar cultura, portanto, era o mesmo que pensar em civilização e quando os estudiosos utilizavam esses dois conceitos estavam, obrigatoriamente, pensando em progresso. Veja qual era a lógica dessa forma de pensar: se cultura é a mesma coisa que civilização; e se civilização refere-se à idéia de progresso; ter cultura, portanto, significava que um determinado grupo tinha alcançado o progresso, segundo princípios estabelecidos pela sociedade que tinha o domínio político, no caso específico, a sociedade européia.

Ora, é preciso não perder de vista que as idéias iluministas pregavam o progresso e que esse progresso provocaria a melhoria das condições de vida do homem – pelo menos era isso que pensavam os intelectuais da época. Em outras palavras, a civilização européia, em virtude dos avanços tecnológicos, do crescimento econômico e da organização política, levaria o homem europeu a um patamar de qualidade de vida inigualável. Nesse caso, pensar em civilização ou em cultura era o mesmo que pensar na melhoria da qualidade material e espiritual na vida do homem.

Contudo, os homens comuns, mas sobretudo o homem intelectual, começaram a perceber que as coisas não estavam caminhando como eles imaginaram. O progresso estava acontecendo, mas as condições de vida continuavam ruins e em muitas situações estavam piorando. Quem conhece

Elucidação

Esclarecer determinado fato ou qualquer fenômeno.

um pouco de história sabe que os trabalhadores da primeira Revolução Industrial eram explorados e trabalhavam em condições insalubres, que geraram a morte de milhares de homens e de mulheres, inclusive de crianças e de velhos. O desencanto tomou conta de todos.

Os intelectuais perceberam que o progresso era apenas para uma parte da população – a menor parte – não sendo, portanto, compatível manter a **convergência** entre os dois conceitos: cultura e civilização. Dessa forma, cultura e civilização foram, gradativamente, se afastando. O conceito de cultura passou então a ser repensado, não mais como civilização, mas como produto obrigatoriamente ligado ao homem que faz a cultura e, principalmente, por ser esse homem membro da comunidade.

Estabeleceu-se no século XIX uma nova aliança conceitual: cultura e comunidade. Se nos séculos XVII e XVIII a aliança civilização e cultura pensava na humanidade no sentido bem geral e a partir das idéias iluministas de progresso, no século XIX a aliança cultura e comunidade pensava o homem na comunidade. Assim sendo, a trajetória do conceito deixou o universo geral da humanidade e passou a pensar o homem e a sua cultura local. Espero que você esteja percebendo que não era o homem que era pensado no interior da cultura.

Essa mudança foi fundamental para o processo de construção do conceito de cultura. Deixar de pensar a cultura como civilização ou como mero componente da humanidade geral e passar a pensá-la como parte da comunidade e o homem, no interior dessa comunidade, como parte da dinâmica de sua construção, levou os estudiosos do século XIX, agora já com a presença dos primeiros antropólogos, a pensarem-na na perspectiva do homem como seu construtor.

É preciso esclarecer melhor essa mudança. Nos séculos XVII e XVIII o conceito de cultura estava em convergência com o conceito de civilização e o homem, na qualidade de construtor cultural, estava diluído no interior dessa convergência. Em outras palavras, nem o homem e nem a cultura do grupo apareciam, na medida em que o importante era o caráter geral de humanidade. Com a mudança, homem e cultura local passaram a ter importância, reconhecendo-se o destaque necessário nos estudos posteriores. É possível afirmar que esse foi o começo da construção do conceito antropológico de cultura.

Quem primeiro conseguiu sintetizar esse momento foi **Edward Tylor**, no livro *Primitive Culture* (1871), quando, sendo fiel ao novo contexto, afirma a cultura como o resultado de comportamentos apreendidos, ressaltando a inexistência de qualquer ligação do fenômeno com a genética dos indivíduos. Outra afirmação importante de Tylor, contida no mesmo livro, é a de que a cultura é um fenômeno natural, podendo, dessa forma, ser objeto de estudos científicos. Veja a seguir o conceito em Tylor: “(...) tomado em seu sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhe-

Convergência

Tender a derigir-se para o mesmo ponto.



Edward Tylor

Antropólogo britânico (1832-1917). Considerado o pai do conceito moderno de cultura, Tylor filia-se à escola evolucionista. Sua principal obra é *Primitive Culture* (1871)

cimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (apud LARAIA, 2002, p. 25).

A síntese produzida por Tylor foi importante na caminhada do conceito. Por que foi importante? Por dois aspectos fundamentais: primeiro, por confirmar o homem como produtor de cultura e segundo, por negar a genética como transmissora de cultura. O primeiro aspecto foi fundamental na medida em que inseriu o homem definitivamente no processo de construção. Se no período anterior a predominância era do caráter mais geral, ou seja, a humanidade; agora, com a contribuição da antropologia, o homem passou a ter destaque, sendo ele próprio o produtor de cultura. O outro fator também foi fundamental por **desmistificar** a idéia de que a cultura era transmitida geneticamente.

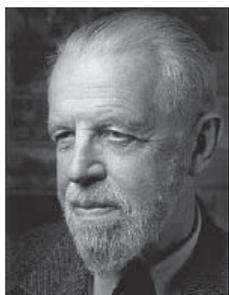
Contudo, apesar dos avanços que o novo conceito representou, nele estava inserida a idéia de que a cultura era fenômeno semelhante a todos os fenômenos da natureza, podendo assim ser estudada de forma científica. Por que Tylor tinha essa compreensão? Argumentava esse antropólogo que a cultura tinha causas e regularidades, caberia então à antropologia, utilizando-se de métodos vinculados às ciências da natureza, estudar esses fenômenos. A estratégia pode até parecer simples: se os fenômenos culturais são iguais aos fenômenos da natureza por terem causas e regularidades, o método a ser aplicado nas duas situações deveria ser o mesmo. Acontece, porém, que os objetos de estudos das duas áreas são de natureza distinta, ou seja, na natureza os objetos são distanciados do pesquisador – pesquisador e objeto não têm qualquer proximidade. Enquanto que nos estudos antropológicos o objeto de pesquisa e o pesquisador é o próprio homem, não podendo, portanto, serem utilizados os mesmos métodos das ciências da natureza. Esse complicador na estratégia dos primeiros antropologistas não foi resolvido de maneira fácil. É até possível afirmar que essa problemática não foi resolvida definitivamente ao longo de toda a história da antropologia. A principal pergunta ao longo da caminhada foi sempre a mesma: como pode a antropologia ter o estatuto de ciência se o seu objeto confunde-se, todo o tempo, com o pesquisador?

É importante esclarecer, contudo, que esses obstáculos metodológicos não impediram a caminhada da antropologia. Os estudiosos da área se cercaram de maior consistência teórica e metodológica para continuar o estudo

Desmistificar

Denunciar um erro ou engano.





Alfredo Kroeber

Antropólogo norte-americano (1876-1960). Estudou antropologia com Franz Boas e em 1901 apresentou tese sobre o simbolismo decorativo dos Arapaho, tribo indígena de Montana

dos fenômenos culturais, mas ressalte-se: a relação do pesquisador com o seu objeto não foi e não tem sido isenta de dificuldades. Qual a confusão presente nessa relação?

A questão básica é a seguinte: o pesquisador de antropologia ao desenvolver a sua pesquisa tem pela frente a gigantesca tarefa de tornar-se neutro, ou seja, despir-se dos seus valores culturais para que os mesmos não interfiram nos seus resultados. Darei um exemplo dessa problemática: um pesquisador praticante de uma determinada religião resolve realizar pesquisa sobre a mesma. Para que o resultado seja de neutralidade científica o pesquisador precisa abandonar os seus valores, para que eles não influenciem nas suas análises. Fica claro que nenhum pesquisador pode, ao sair para realizar pesquisa, abandonar ou trancar no armário os seus valores culturais, dessa forma, a pretensa neutralidade científica passa a ser um mito em termos de pesquisa antropológica.

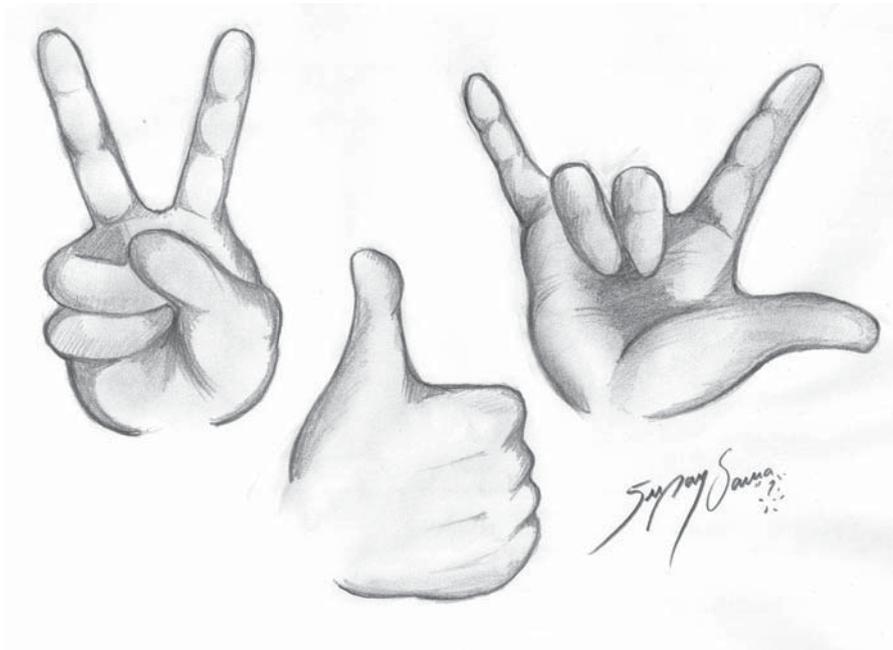
Nessa caminhada muitos outros autores foram incorporando contribuições à síntese produzida por Tylor. Desses destaco dois para não alongar muito esta aula: **Alfredo Kroeber** (1876-1960) e **Clifford Geertz** (1926-2006). O primeiro teve o mérito de aprofundar o debate sobre a presumível influência do orgânico sobre a produção da cultura. Em seu artigo “O superorgânico” mostrou que o homem é o resultado do seu fazer cultural e que, graças a essa capacidade, o homem distanciou-se dos outros animais.

Clifford James Geertz, falecido em 2006, inovou ao considerar a cultura como “estrutura de significado socialmente estabelecida”. Defendeu ainda que a cultura era constituída por “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis”. (apud SCHELLING, 1990, p.29). Qual a novidade do conceito e qual a relação desse conceito com a pesquisa antropológica? Neste conceito Geertz considerou a cultura como discurso e discurso possível de ser interpretado. Isto é, na prática, esse antropologista americano estava desobrigando a antropologia de atuar atrelada aos métodos e às técnicas vinculados às ciências da natureza, na medida em que atribuiu a essa ciência o trabalho de interpretar os discursos contidos nas práticas culturais. Nesse sentido, a antropologia continuava na busca do estatuto de ciência, só que agora não mais preocupada em utilizar métodos de outras áreas do conhecimento, mas preocupada em interpretar os fenômenos culturais.



Clifford Geertz

Antropólogo norte-americano (1926-2006). Considerado o fundador de uma das vertentes da antropologia contemporânea - a chamada Antropologia Hermenêutica ou Interpretativa.



ATIVIDADES

1. O conceito de cultura alcança destaque numa relação de convergência com o conceito de civilização. Tente demonstrar como, no interior dessa relação, o homem como fazedor de cultura não aparecia.
2. Cultura como conceito antropológico afirma a supremacia do homem como fazedor de cultura. Explique a importância dessa nova definição de cultura.
3. No final desta aula apresentei a cultura como um entrelaçado de signos e de significados possível de ser interpretado. Por que esse novo conceito de cultura contribuiu para desatrelar a Antropologia dos métodos e das técnicas ligados às ciências da natureza?



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A convergência entre os conceitos de cultura e de civilização evidenciava o caráter geral do pensamento nos séculos XVII e XVIII, onde a humanidade se destacava e o homem era subtraído. Os intelectuais daquela época pensavam a humanidade e a civilização e excluíaam o homem e a cultura local como partes importantes da sociedade. A seqüência da gênese do conceito de cultura mostrou uma mudança significativa: o homem e a comunidade assumem destaque, assegurando a importância desse homem como fazedor de cultura. Nesses dois conceitos ainda prevalecia a prática metodológica que vinculava a Antropologia aos métodos das ciências da natureza. Foi necessário definir cultura como estrutura de signos e de significados passível de interpretação para que se pudesse pensar a Antropologia sem as amarras do cientificismo que predominou durante o século XIX e parte do século XX.

REFERÊNCIA

- CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylon e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- MARCONI, Marina de Andrade ; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: Uma introdução**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2001.
- SCHELLING, Vivian. **A presença do povo na cultura brasileira**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1990.